

ARTIGOS

UMA EFEMÉRIDE: OS 25 ANOS DO DOUTORADO DO PPG EM FILOSOFIA DA UFMG

Ivan Domingues

Universidade Federal de Minas Gerais
domingues.ivan3@gmail.com

RESUMO *O objetivo é a celebração da efeméride, estendendo-se o período dos 25 anos desde a época da fundação, em que eu estive à frente como coordenador, até o ano 1998, à ocasião do evento, com o Doutorado consolidado e em um novo ambiente intelectual. Demais, o artigo visa reconstituir o contexto da fundação, ao contrastar a história do PPG em suas etapas fundamentais: primeira, a criação do Mestrado em 1974, com Pe. Vaz como primeiro coordenador, em plenos “Anos de chumbo”; segunda, a criação do Doutorado em 1993, numa conjuntura política diferente, em plena democracia, governo Itamar Franco. Por fim, além de reconstituir o percurso das lideranças e dos grupos que estiveram na linha de frente do PPG nesses diferentes períodos, o artigo elucida um ponto importante na história do próprio Doutorado, um pouco antes de sua criação, num momento em que o projeto estava em diligência na Administração Central da UFMG, exigindo sua remodelagem e uma nova repactuação interna.*

Palavras-chave *PPG em Filosofia da UFMG, criação do Mestrado, criação do Doutorado, 25 anos.*

ABSTRACT *Our aim is to celebrate the 25 years of PPG's Doctorate Program at UFMG, remembering the period since its foundation, when I was the Coordinator, until 1998 at the time of this event, with a consolidated Doctorate/PhD in a new intellectual environment. Besides, the paper aims at*

reconstructing the context of the foundation by contrasting the PPG history in its two main stages: first, creation of the Master's Degree in 1974, with Father Vaz as its first Coordinator, right in the middle of the "Years of Lead"; second, creation of the Doctorate Degree/PhD in 1993, in a different political conjuncture, in full democracy, the Itamar Franco administration. Finally, in addition to the reconstruction of leadership and group courses that stood in the PPG front lines in these different periods, the paper throws some good light on an important point linked to the history of the Doctorate/PhD itself, shortly before its creation, at a time when the project was under investigation at UFMG Central Administrative Office, requiring its remodeling and a new internal arrangement.

Keywords *UFMG Philosophy PPG; Creation of Master's Degree; Creation of Doctorate/PhD; 25 years' celebration.*

Começo pela efeméride e a significação que a data tem para mim, ao cabo de tanto tempo.

Antes de mais nada, por mais de um motivo, como veremos, minha satisfação em participar da celebração dos 25 anos é imensa, ladeado de colegas e pessoas amigas, com as quais compartilhei a experiência e delineamos o percurso. De fato, a satisfação não poderia ser maior, com a carga de emoção que a acompanha, pelo fato de minha *alma mater*, como dizem os americanos, ser a UFMG, onde fiz a minha graduação nos anos 70 e nela ter feito meu Mestrado, com a dissertação defendida em 1980.

As coisas não pararam aí: depois foi a vez do concurso para professor, na época auxiliar de ensino, que hoje não existe mais, quando eu entrei, e a palavra é essa mesma, entrei e pela segunda vez, agora como professor, juntamente com mais três colegas, Pedro Athos, Paulo Margutti e Carlos Drawin. Todos nós, pratos da casa, contratados para atuar no Primeiro Ciclo de Ciências Sociais, em plena ditadura militar, com o AI-5 aterrorizando o mundo da política lá fora e o Decreto 477, seu braço universitário, ameaçando estudantes e professores aqui dentro. Em suma, eram os anos de chumbo e todos tínhamos medo, mas éramos ousados e eu lia Marx, como gosta de lembrar Carlos Drawin, passando boa parte do tempo fazendo esquemas do livro III de *O capital*, os quais iriam ser aproveitados depois em minha Dissertação de Mestrado, e referidos todos nós, nós recém-chegados que lá atuávamos, carinhosamente por José Henrique Santos como “os novos filósofos”, em alusão aos franceses.

Sobre o Primeiro Ciclo, tendo na época como coordenadora Ângela Mascarenhas, cujo legado para a história do nosso Departamento foi decisivo e todo mundo reconhece, ressalto que o “Básico”, como também era chamado, estava em expansão naqueles anos e lá já atuavam Fernando Portella, Alexandre Vivacqua, Aparecida Andrés e Ricardo Fenati quando fomos contratados para lecionar Lógica do Pensamento Científico. Ou seja, algo como uma introdução à filosofia da ciência, com uma certa inflexão para as ciências humanas e sociais, a exemplo de outras semelhantes no Brasil, como na PUC-RJ, como vim a descobrir depois, quando me vi às voltas com a crise da PUC de 1979 e descobri um padrão de ensino parecido, com apostilas e tudo mais, fazendo lembrar, de tão usadas que eram, as “sebentas” do Brasil Colônia.

Eu poderia passar horas e mais horas conversando com vocês sobre esses tempos, mas não posso, hoje é o dia de celebração do Doutorado e é à parte da tarde que está reservada lembranças como esta, quando iremos tratar da memória do Departamento. O ponto que eu quero ressaltar agora e ao qual vou voltar mais tarde é que a minha *alma mater* é a UFMG, onde entrei em 1978, de onde nunca mais saí e onde acabo de concluir em 2018 quarenta anos de carreira. Por isso, e por outras coisas, posso dizer sem reservas que “sou UFMG”, à qual com orgulho pertencço e com respeito à qual reconheço a dívida inestimável de ser o que sou, somando-se à minha formação profissional no Mestrado, como estudante e bolsista da CAPES, a minha licença como professor em 1981, e novamente como bolsista da CAPES, para fazer o meu Doutorado, na França, Sorbonne, Paris I.

Estou comentando essas coisas autobiográficas para dar a vocês uma ideia do contexto em que o nosso Doutorado foi criado, bem como uma ideia do ambiente ou do quadro em que eu entro nesta história como primeiro coordenador.

O contexto é a nossa pós-graduação, fundada em 1974, com Pe. Vaz como primeiro coordenador e grande protagonismo de um número pequeno de professores, com José Henrique Santos na linha de frente e, junto com ele, um pouco depois, o grupo de Louvain, como eram chamados José Anchieta, Hugo César, Walter Evangelista e Hugo Amaral, aos quais um pouco mais tarde vai somar-se Sebastião Trogo. Saliente-se que o contexto é os anos de chumbo pós-AI-5, cujo significado já foi ressaltado, com todo mundo com muito medo e uma sensação de grande precariedade, como o medo de nosso Departamento um dia fechar as portas: como tínhamos na época, senão por um ato de força, como o que levou a ditadura fechar o curso de filosofia da Federal de Sergipe por 21 anos, como se sabe, ao menos por precarização e aviltamento, com o MEC bem como as universidades escolhendo e priorizando

as engenharias e as ciências naturais – temor que estava na mente de todo mundo, levando José Henrique e outras lideranças a moldarem a estratégia do espriamento do Departamento por toda a Universidade, para se fortalecer e melhor se defender. Porém, meio invisível, ao menos para o conjunto das humanidades, estava em curso já naquela época, patrocinado pelo regime militar com seu projeto desenvolvimentista de modernização conservadora do país, o processo de implantação do Sistema Nacional de Pós-Graduação da CAPES, o SNPG como passou a ser conhecido, e foi neste cenário que os primeiros Cursos de Mestrado no país foram criados, nos anos 70, começando pelas ciências duras, e depois os Doutorados, nos anos 80. Paralelamente, o CNPq implantou o sistema de bolsas, a PQ e outras, e em conjunto com a CAPES passou a enviar levas de estudantes e professores para o exterior em busca de treino e formação, com o propósito de formar e ampliar o nosso corpo de pesquisadores, professores-pesquisadores ao fim e ao cabo, com o título de Doutor ou PhD: os nossos PhDeuses, como passaram a ser referidos pelas más línguas, como alguns de meus colegas de então, que não se davam conta de que uma pequena revolução estava em curso, quando o Brasil finalmente pôs fim ao déficit institucional de séculos, séculos de atraso em suma, atraso não só frente à Europa, com seus primeiros títulos de *doctor* e *magister* criados na Idade Média, e mesmo em comparação com a América hispânica, com o Peru, o México e a Colômbia (então reino de Granada) tendo universidades com o ciclo completo de estudos desde o início da Colônia. E *déficits* e *gaps* inclusive em relação a nós mesmos, ao se falar de filosofia e teologia, e não da medicina ou do direito, se consideramos que ao menos em oito colégios dos jesuítas, como o de Salvador, do Rio de Janeiro e do Maranhão, o título de Mestre e Doutor era concedido naquelas duas disciplinas – situação que será revertida com a expulsão dos jesuítas por Pombal, em 1759, e a filosofia só voltará a ser ensinada como ensino superior autônomo no início do século XX. No começo de tudo, com a criação da Faculdade de São Bento em São Paulo, em 1908; seguida da fundação da USP e da FFLCH em 1934; vindo em seu encaicho o sistema das Federais, que será consolidado um pouco depois e cujo modelo foi a Universidade do Brasil, criada em 1937; e tudo terminando com a fundação de algumas PUCs logo na sequência, iniciando-se pela PUC-RJ em 1940 e da qual o jesuíta Pe. Leonel Franca foi o primeiro reitor. Contudo, todo esse processo então criado, no curso do século XX, e a todos os títulos decisivo, não significou o fim do *gap* e do *déficit*, mas o início do fim, porque o fim mesmo só se consumou nas décadas finais do século XX, quando os Mestrados e os Doutorados foram criados, e assim o ciclo completo do ensino superior foi implantado nessas paragens – como a Universidade de Paris, a

dupla inglesa Oxford & Cambridge, Bolonha e Pádua na Itália, Salamanca e Alcalá na Espanha ou Coimbra em Portugal, e ainda como a de San Marcos no Peru e a Real Universidad del México, e vários séculos antes.

Este foi então o contexto mais amplo e o ambiente da UFMG em que foi criado o Doutorado: à diferença do Mestrado, criado em 1974, em plenos anos de chumbo e do reino do AI-5, como dito – mas ainda assim o marxismo era ensinado, meio às escondidas, com Luiz de Carvalho Bicalho e hoje nome de auditório, ex-partidão ou PCB, mais tarde um dos fundadores da UnB junto com Darcy Ribeiro, além de eminente sartreano, amante de Bach, simpático e amigo de todo mundo, da velha e da nova geração, a quem me refiro com tantas loas em reconhecimento por ter sido o orientador da minha Dissertação de Mestrado, consagrada a *O capital*, de Marx –, à diferença do Mestrado, repito, o Curso de Doutorado foi criado em outro momento e em outro ambiente.

Andando a passos rápidos, criado em 1992 e implantado em 1993, não mais nos anos de chumbo, mas em plena democracia, quatro anos depois de promulgada a nova Constituição, e, portanto, em ambiente mais livre e atmosfera mais arejada. Todavia, a mudança de contexto e o ambiente mais descontraído não significaram frouxidão ou facilitação. Todo mundo que já pôs os pés na UFMG sabe que as coisas por aqui não são fáceis e ninguém facilita nada, ao menos no que tange a certas iniciativas e experiências ligadas à docência e à pesquisa, com as instâncias superiores zelando pela tradição e a mediania, digamos assim, com todo o conservadorismo que isso implica, à diferença da UFRJ, onde imperam os extremos, do lixo e do luxo – quem quiser ver, basta visitar o Fundão. O certo é que, quando o processo de criação do Doutorado foi iniciado, em 1988, na época do reitorado de Cid Velloso e que era de esquerda e amigo nosso, a então Pró-Reitoria de Pós-Graduação, depois de estar por uns tempos nas mãos de José Anchieta, no início de sua gestão e que tinha patrocinado a proposta, a então Pró-Reitoria, repito, e o seu novo titular não aceitaram, tal como fora apresentado, o projeto do novo curso e resolveram baixar diligência, em busca de esclarecimentos e mais informações¹: informações sobre o corpo docente, a estrutura do curso, a área de concentração, a relação com o Mestrado, e acerca do domínio conexo, como

1 Precizando as datas e as pessoas: o reitorado de Cid Velloso transcorreu no período 1986-1990, precedido pelo de José Henrique Santos, entre 1982 e 1986; durante a sua gestão dois foram os Pró-Reitores de Pós-Graduação: [i] Ivan Moura Campos, do DCC, por um curto período, entre agosto de 1986 e abril de 1987, depois do interinato por alguns meses de José de Anchieta Correa, que tinha sido Pró-Reitor de P-G na gestão de José Henrique Santos; [ii] Ana Lúcia Gazzola, que sucedeu o colega do DCC e ficou no comando da Pró-Reitoria, entre abril de 1987 e março de 1990, continuando mais dois anos à testa do órgão no reitorado de Vanessa Pinto Guimarães, até junho de 1992, quando foi concluído o processo de criação do nosso Doutorado. Mais à frente darei mais informações sobre o tópico.

a terra de ninguém era chamada – terra de ninguém, ou seja, tudo aquilo que sobrava e não cabia na área de concentração, algo como o lugar dos restos. Então o projeto entrou em crise, o grupo colapsou e não havia mais *esprit de corps*, como dizem os franceses.

Entretantes, em 1990, houve a mudança do reitorado, com Vanessa Pinto Guimarães como Reitora, e Evando Mirra de Paula e Silva, engenheiro brilhante e refinado, como Vice-Reitor: nosso amigo, que já cooperava com colegas no nosso Mestrado, mais tarde presidente do CNPq, inventor da Plataforma Lattes, um dos sócios do restaurante Taste-Vin, meu parceiro na criação do IEAT e hoje falecido. Como era de se esperar, com a mudança do reitorado vieram as mudanças políticas, inclusive na formatação das políticas de pós-graduação, em sintonia com as novas ênfases e políticas da CAPES, com seu protagonismo decisivo nesse nível do ensino superior, como todo mundo sabe. Neste novo cenário, sem quebra de continuidade da gestão anterior, a Pró-Reitoria de Pós ficou sob o comando de Ana Lúcia Gazzola, depois Vice-Reitora, em seguida Reitora, e na minha opinião e de muitos colegas a mais importante Pró-Reitora de Pós-Graduação que a Universidade já teve. Nada menos do que a responsável direta por ter arquitetado uma política sumamente exitosa que terminou por colocar a UFMG no *ranking* das universidades *tops* do Brasil no ensino de pós-graduação, Mestrado e Doutorado. Numa ocasião eu disse isto a ela, quando ela era Reitora, e ela não gostou, pensando que eu estava diminuindo suas realizações como Reitora. Mas eu não estava diminuindo, eu apenas estava dizendo e reconhecendo seus feitos extraordinários como Pró-Reitora: a pessoa certa para o momento certo, uma tempestade perfeita, e o resultado aí está, com a nossa Pós consolidada e muito bem ranqueada – até quando eu não sei, pois há sinais de que a UFMG bateu no teto e iniciou a curva descendente, com a queda dos padrões no *staff* administrativo assim como em outras áreas, levando muitos cursos a deixarem a graduação no limbo e a pós-graduação fraturada e exposta aos estragos do taylorismo acadêmico. Contudo, vou parando por aqui; hoje é dia de celebrar e não de queixar.

Digo então, retomando o fio da meada, que este foi então o novo contexto e o ambiente político quando o nosso Doutorado foi criado, em meados de 1992, e começado a funcionar, com a primeira turma, em março de 1993 – donde a efeméride e esta mesa. Sumariando tudo, três foram os tempos fortes: [i] a diligência parada e sem sequência, com o grupo colapsado e sem coesão, e agravando tudo, ao se somar à situação de fato, em meio a desconfianças e negativismos, para dentro e para fora, a sensação de crise e a impressão de falta de norte ou rumo; [ii] o novo reitorado, a minha chegada da França, depois de concluir o meu Doutorado, com meus 39 anos (naquele tempo, no Brasil, à

diferença da Europa e da América do Norte, as pessoas se titulavam mais tarde, levando anos e anos, e o próprio Mestrado era mais exigente e um monstro que assustava as pessoas), e a passagem do bastão da coordenação e da incumbência de criar o Doutorado à minha pessoa: quem conversou comigo, em nome da velha guarda, foi o colega Sebastião Trogo, ex-coordenador e hoje aposentado, morando em Juiz de Fora, com seus quase 90 anos – e eu, mal chegado, aceitei, sem calcular nada e sem pensar que tudo poderia terminar num tremendo fracasso pessoal; [iii] a reapresentação do projeto do Doutorado, depois de pavimentado o caminho com a Reitoria, ou seja, Ana Lúcia Gazzola, de fato um novo projeto, formatado para atender à diligência da Pró-Reitoria e suas solicitações – projeto esse que foi amadurecido e cumpriu todo um ciclo, depois de negociado com a velha guarda nos quadros de uma crise difícil, olho no olho, em vista da necessidade de mudanças profundas no desenho institucional e de acomodar os novos doutores que estavam chegando comigo: Newton Bignotto primeiro, Paulo Margutti em seguida e um pouco depois Rodrigo Duarte, somando-se-lhes os quatro jesuítas que já apareciam no projeto anterior, para aumentar a massa crítica, com base em acordo assinado pelos dois reitores, abarcando Marcelo Perine, Marcelo Fernandes de Aquino, Werner Spaniol e Pe. Vaz, então aposentado, e incluindo ainda os colegas colaboradores, como Fábio Wanderely, José Henrique Santos e Evando Mirra.

Encerrando esse tópico tão importante de nossa memória, ressalto que o novo desenho institucional que saiu dessas negociações difíceis, levadas a cabo pelo novo Colegiado – desenho esse que só saiu inteiro das negociações porque ele já estava presente antes e em torno do novo pacto institucional que se deu, resultando num novo *design* e levando à reformatação do Mestrado –, não era outra coisa senão o modelo das linhas de pesquisa, aliado ao projeto de implantar uma pós-graduação de pesquisa, nos moldes de um PhD à inglesa. Foi o que foi feito, num processo que no fim foi exitoso, tendo o projeto recebido parecer favorável entusiasmado do então colega da PUC-RS e ex-UFRGS Carlos Roberto Cirne Lima, ao pôr fim à diligência, e em cujas aprovação e consecução duas pessoas foram essenciais e mesmo decisivas, ambas de minhas relações pessoais: Hugo Amaral, professor do Departamento e na época Diretor da Faculdade, que no modo de ver foi o melhor diretor que a Faculdade já teve desde Arthur Versiani Vellôso, que é uma lenda para nós; e Ana Lúcia Gazzola, já referida, que não era exatamente minha amiga, mas com quem eu me dava bem e tinha uma aderência institucional impressionante e uma capacidade de trabalho extraordinária, fazendo dela um verdadeiro trator quando ela foi

Reitora, tamanho era o ímpeto com que fazia as coisas². Repito então que foi isto que foi feito e acrescento agora que foi o que deu certo: o projeto das linhas de pesquisa e o *design* do PhD à inglesa, com foco na pesquisa e carga aula de cursos relativamente baixa, de fato não tal qual ou exatamente como na Inglaterra, mas ajustado às nossas circunstâncias culturais e históricas, como a existência em nossos meios de Mestrado e Doutorado independentes.

Reconhecido isso, eu gostaria de acrescentar que estamos celebrando hoje os 25 anos de Doutorado, com o nosso PPG sempre muito bem ranqueado no sistema da CAPES, funcionando em plataforma nacional, com vários colegas reconhecidos e premiados, como Patrícia Kauark, que ganhou em 2012 o prêmio Louis Liard, área de filosofia, da Académie des Sciences Morales e Politiques, da França, e eu mesmo, agraciado com o Prêmio FUNDEP, área de humanidades, em 2005. Aos professores somam-se os estudantes, com alunos e alunas do nosso Doutorado premiados pela CAPES e a própria Universidade, sem contar as premiações da ANPOF, que também contam, e devendo ser adicionado ainda, como mais um sinal de que as coisas deram certo, depois de décadas de esforço, o fato notório de nosso PPG como um todo já se encontrar, hoje, em pleno processo de internacionalização. Ao olhar para trás, podemos ver nessa história de sucesso, com seus problemas e tudo, um feito da aliança da velha guarda do Departamento com a nova geração dos recém-chegados na época, nos anos 90, como no meu caso, recém-desembarcado que teve a insensatez de pegar pelas mãos um projeto em crise e eu mesmo sem experiência institucional adensada e exercitada – uma nova geração hoje, depois de cumprir o seu ciclo, já próxima do ocaso da vida, com muitos colegas já aposentados, e tendo sobrado apenas eu mesmo, hoje sozinho e o sênior do Departamento, depois de ter cumprido o papel de elo entre as duas gerações. Ao olhar para a frente, modificando mais de uma vez a perspectiva, individual e coletiva, para me re-situar e visualizar ou antever o que nos espera mais adiante – de olho no futuro, ao considerar os desafios que os novos tempos nos apresentam, tendo a filosofia brasileira chegado onde chegou e com a velha geração cedendo o passo para a nova, ao cumprir a lei do tempo e o ciclo da vida, que é da lei da vida, e como já tinha ocorrido com a minha geração –, duas imagens me vêm à mente.

2 Ainda sobre o papel de Anna Lúcia Gazzola, cujo papel foi fundamental no processo de criação do nosso Doutorado, com quem acertei as coisas como coordenador e quem deu as diretrizes do *design* de PhD à inglesa, lembro que de fato a criação formal do novo Curso por ato do CEPE, com a força da expressão nessas circunstâncias, de formalidade alta e mesmo muito alta, foi consumada em 30/06/1992, tendo Anna Lúcia se afastado da PRPG cerca de 10 dias antes, em 21/06; contudo, não sem antes, vencidas as barreiras interpostas ao antigo projeto, ter aprovado tudo, em seu novo formato, na Câmara de Pós-Graduação, onde tudo começa nessas matérias, e em sua gestão.

Uma primeira, que vem de uma conversa que tive há uma data com Guido de Almeida, a quem muito admiro e com quem compartilho muitas coisas dentro e fora da filosofia, lembrando que ele estudou no nosso Departamento e ensinou em nossa Pós por algum tempo, depois de demitido em meio ao *affaire* da crise da PUC-RJ no final dos anos setenta e antes de se transferir para a UFRJ: a imagem, compartilhada por ele e por mim, é que quando chegamos da Europa e passamos a ocupar os espaços em nossas pós-graduações, éramos poucos, cada um de nós podia idealizar seu caminho pessoal e todo mundo tinha o mundo a ganhar. Hoje, tudo mudou, somos mais, não tanto quanto os europeus e norte-americanos, mas bem mais do que décadas atrás, e as coisas ficaram competitivas, as pessoas mais acotoveladas e não há mais espaço para todo mundo ou espaço sobrando. Neste novo cenário, o risco é a fratura do *ethos* acadêmico e as relações ficarem mais esgarçadas: como já tinha acontecido com a minha geração, que chegava, será preciso repactuar as relações e a nova geração criar regras ainda mais exigentes e ao mesmo tempo mais *fairs* para um ambiente mais competitivo, num país onde as instituições ainda continuam frágeis, havendo o risco de, se não fizerem nada, colocarem tudo a perder, e ninguém quer isso.

Uma segunda imagem que me vem da leitura da biografia de Bertrand Russell e está ligada à ideia de solidão geracional: indagado sobre o seu estado de alma, já beirando os 100 anos, sobre o seu entorno e as suas inquietudes, Russell respondeu que o sentimento invencível que o acompanhava ao atingir a idade tão propecta era o de “solidão geracional”, tendo todos seus amigos ido embora e ele ficado sozinho, sem ninguém para compartilhar – numa relação horizontal, segundo ele – as coisas da vida.

Digo então, quanto a mim, que é algo parecido que estou vivendo na minha experiência atual do Departamento, ao fazer meu balanço pessoal quando o Doutorado está celebrando os 25 anos e eu atingi uma idade bem maior, embora não tão propecta quanto a de Bertrand Russell, com alguns amigos e colegas de geração tendo já ido embora, mas continuando muitos outros ainda vivos, e muito bem vivos, como o meu amigo Carlos Drawin, aqui presente e que falará de coisas parecidas na mesa de hoje à tarde, consagrada à memória do Departamento.

Voltando aos 25 anos, ao considerar a minha experiência pessoal, e já podendo me aposentar, a minha sensação é de desconforto, ao ver alargar o *gap* geracional: com respeito aos alunos, que vem crescendo ano após ano, eles com a mesma idade, com pouco mais de 20 na graduação, e eu cada vez mais velho; com respeito aos colegas, eles em sua maioria na faixa dos 40-50 e eu bem mais, sem ninguém atrás de mim e já faltando colegas nas faixas

intermediárias, um pouco mais abaixo, como Newton Bignotto, ele mesmo já aposentado. O resultado é o desconforto crescente e uma certa dificuldade de comunicar, por causa dos *gaps* e da falta do solo da experiência comum compartilhada e compartilhável, com tudo meio de esquelha.

Sobre esse ponto, a compensar essa sensação de desconforto, poder-se-ia dizer que o ofício da docência é uma das raras ocupações humanas em que se pode dar a reciclagem do conhecimento e a reatualização das habilidades, com o mestre aprendendo com o pupilo e o mais velho com o mais novo, e vice-versa. Tudo isso é verdadeiro, em princípio, e deve ser considerado. O problema é que estou no Brasil, e o Brasil não é para amadores, como dizia Antônio Carlos Jobim. Em tudo que fazemos, e não só no ensino superior, a questão é que o custo Brasil é demasiado e nos deixa todos nós exaustos, exigidos por todos os lados, com um *staff* que já era ruim e que vem decaindo mais ainda, e com nossas vidas piorando sem cessar com as pseudo-facilidades do *self-service* da Internet. Neste cenário difícil, aquilo que nos é mais sagrado e ao qual nos entregamos como um verdadeiro sacerdócio, para usar uma imagem já em total desuso, vem-se desmanchando, com os colegas do ensino fundamental das periferias espancados pelos alunos e ameaçados pelos pais de armas em punho. O contraste é com a Coreia e o Japão e ele não poderia ser maior. Na Coreia, no antigo palácio real, de fato constituído por vários palácios ou casas reais, há um pavimento de dois andares onde o antigo imperador recebia lições de seus mestres, o imperador sentado no andar de baixo e o mestre sentado numa cadeira alta no andar de cima, imagem essa que condensa e diz tudo o que os coreanos pensam da educação e do ensino até hoje, quando eles não têm mais imperador e continuam reverenciando seus mestres, como em poucos lugares do globo. Não muito diferente, no Japão é mundialmente conhecido o ritual que diz respeito à relação do imperador com os súditos e os professores: ao passar o imperador diante de uma multidão ou de um cidadão, cabe a este ou à multidão fazer o gesto de reverência, baixando a cabeça e movendo o corpo para trás; já ao cruzar o imperador com um ou mais professores, quem faz a reverência é o imperador.

Para terminar, eu gostaria de compartilhar com os colegas e os estudantes aqui presentes, ao me referir ao nosso ambiente atual, em meio a coisas boas e ruins, duas rumações filosóficas que eu fui levado a fazer ao me ver desafiado por essa situação, ao viver num país difícil como o nosso e ao atingir uma idade bastante dilatada, perto da aposentadoria. A primeira rumação é que, para eu poder trabalhar e me ocupar com satisfação da filosofia, eu finjo o tempo todo que estou na Suécia, que tudo está bem no meu entorno, e dou um jeito de evadir e experienciar aquilo que Hegel na Introdução à *História*

da filosofia chamou de “migração interior”, levando o intelectual a buscar a solidão interior ou a paz da alma, sem a qual não há pensamento nem ofício do intelecto possíveis, como a docência e a pesquisa. A segunda ruminção, a qual formulei pela primeira vez no meu livro *O fio e a trama – reflexões sobre o tempo e a história*, e ao longo da vida venho repetindo e comentando nos meus cursos, e que pode ser resumida numa única frase, ao dizer que “O tempo é mais metafísico do que o espaço” – e eu quero dizer com isso que o tempo é filosoficamente mais denso, enquanto o espaço fixa e congela, o tempo cambia e muda, adensando a experiência humana, inclusive a experiência de cambiar o espaço e mudar de localidade, que pressupõe o tempo.

Ora, é algo parecido que, mais uma vez, estou experienciando pessoalmente, aqui hoje, ao celebrar os 25 anos de Doutorado, os efeitos e os mistérios do tempo, com o ontem, o hoje e o amanhã perfilados em face de minha mente, ao me dirigir a vocês.

Ao falar dessas coisas, em meio às nostalgias do ontem, às preocupações com o presente e às esperanças no futuro, não estou me despedindo de vocês, mas celebrando uma data importante e compartilhando feitos de vulto, como foi a criação do nosso Doutorado, os quais já fazem parte da memória do nosso Departamento, eu que estou quase tombado e já sou memória.

Neste dia especial, portanto, eu não vim aqui para comunicar minha aposentadoria que se avizinha e já está no horizonte, mas para celebrar e dizer que conseguimos realizar uma coisa bonita como obra coletiva de duas gerações e o desafio é conservar e cuidar do futuro.

Concluindo, nossa vida é aqui, não precisamos ir para o Japão, nem trabalhar como os coreanos. Finjam que estão na Suécia e mantenham viva a chama da esperança, pois um dia a Suécia poderá estar aqui, menos gélida e mais solar, como aqui nos trópicos.

Esta é a esperança, que por índole é otimista, e esta é, pois, a minha mensagem, ao pensar nos próximos cem anos.

Vida longa à Pós e ao Doutorado